

Heroísmo e Olimpismo: a narrativa da *Folha de São Paulo* sobre os atletas brasileiros medalhistas nas Olimpíadas de Londres (2012)¹

Fausto AMARO²

Ronaldo HELAL³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Neste artigo, trabalhamos os seguintes pontos: a) breve histórico dos Jogos Olímpicos, da Grécia Antiga até os Jogos Modernos; b) como a temática do herói nas Olimpíadas estabelece um contraponto e/ou um diálogo com os estudos já produzidos sobre o herói no futebol; c) análise da construção do discurso sobre os medalhistas olímpicos de 2012, bem como os favoritos nacionais em algumas modalidades, sob a ótica da *Folha de São Paulo*.

Palavras-chave: olimpíadas; esporte; herói.

Introdução

Em 2016, o Rio de Janeiro sediará a trigésima primeira edição dos Jogos Olímpicos. Nesse período, os meios de comunicação dedicam grande espaço à cobertura dos jogos e aos atletas brasileiros. Tendo em vista este cenário, o presente artigo analisa a construção midiática da imagem dos atletas brasileiros na última edição dos Jogos Olímpicos, realizada em Londres (2012).

A Olimpíada de Londres foi disputada entre os dias 25 de julho e 12 de agosto. Contou com a participação de cerca de 10.500 atletas de 204 comitês olímpicos nacionais⁴ distribuídos em 26 esportes e 39 modalidades. Era a terceira vez que Londres recebia os Jogos. Anteriormente, em 1908 e 1948, ela já havia sido a sede.

Partimos da premissa de que existe uma diferenciação na forma como a mídia brasileira representa os ídolos do futebol e dos demais esportes olímpicos, ressaltando aspectos qualitativos distintos em suas descrições. Helal, Cabo e Marques (2009) mostraram que, enquanto no futebol são ressaltadas características ligadas à genialidade e

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do PPGCom da Uerj com bolsa Capes; membro do grupo de pesquisa “Esporte e Cultura”, cadastrado no CNPq. Email: faustoarp@hotmail.com

³ Professor do Programa de Pós Graduação em Comunicação e da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; pesquisador do CNPq; coordenador do grupo de pesquisa “Esporte e Cultura”. Email: rhelal@globocom.com

⁴ Fonte: Site Oficial do Comitê Olímpico Internacional (COI). Link: <<http://www.olympic.org/london-2012-summer-olympics>>. Acesso em: 11 dez. 2012.

ao talento nato, sem a valorização do esforço e do treinamento, ou seja, essencializações típicas do herói-malandro nacional; nos outros esportes olímpicos, haveria uma tendência de prezar por narrativas que enfocam o empenho, a disciplina e a dedicação desses atletas, isto é, características ligadas ao herói clássico, segundo o modelo proposto por Joseph Campbell (1995). Esses diferentes simbolismos associados à identidade nacional revelariam quais emblemas de brasilidade a imprensa procura exaltar nesse evento esportivo.

Nas Olimpíadas, além de várias modalidades esportivas ligadas ao atletismo, ginástica e natação, temos também o futebol como um dos esportes coletivos ali representados. Desse modo, cremos ser profícuo utilizar esse evento como objeto para a análise empreendida. Utilizamos como suporte para o estudo das narrativas sobre os atletas o jornal *Folha de São Paulo*. Coletamos as edições do dia 17 de junho até 14 de agosto⁵, ainda que os Jogos tenham ido apenas de 25 de julho a 12 de agosto. A opção por estender a análise a mais de um mês antes das Olimpíadas foi feita para observar como o megaevento estava sendo trabalho pelo jornal.

Trabalhamos neste artigo os seguintes pontos a) breve histórico dos Jogos Olímpicos, da Grécia Antiga até os Jogos Modernos; b) como a temática do herói nas Olimpíadas estabelece um contraponto e/ou um diálogo com os estudos já produzidos sobre o herói no futebol; c) análise da construção do discurso sobre os medalhistas olímpicos de 2012, bem como os favoritos nacionais em algumas modalidades, sob a ótica da *Folha de São Paulo*.

Breves apontamentos sobre os Jogos Olímpicos: da herança grega a disputa entre nações

Muitos Jogos em homenagem aos mais variados deuses ocorriam na Grécia no período helênico, epicentro social e político da época. Como exemplo, podemos citar os Fúnebres – os mais antigos e de onde é provável que tenham surgido os Jogos Olímpicos –, Píticos, Nemeus, Ístmicos, Panatenéias, Heranos. Sendo Zeus o Deus-maior do Olimpo, os Jogos honrando sua imagem eram os maiores e mais importantes da Grécia helênica e começaram a ocorrer oficialmente a partir de 776 a.C, com periodicidade quadrienal durante 1200 anos ininterruptos (cf. GODOY, 2001; YALOURIS, 2004). Com o avanço do cristianismo no Império Romano, os Jogos Olímpicos passaram a ser vistos como pagãos e deixaram de ser realizados em 393 d.C.

⁵ De 24 de julho até 13 de agosto, o caderno de Esportes da Folha de SP adotou o formato tabloide, o mesmo do restante do jornal. Usualmente, esse caderno tem formato standard.

No berço do olimpismo, o culto ao corpo conjugava-se ao florescimento das ideias. Os gregos não ficaram conhecidos apenas pelo apreço ao esporte, mas também pelo desenvolvimento da democracia. Corpo e espírito estavam juntos nessa cultura na chamada *paidéia* ou educação integral. Alguns dos grandes filósofos foram competidores olímpicos de relativo sucesso. Por exemplo: “Platão foi lutador, tendo participado dos Jogos Ístmicos e Olímpicos, onde obteve vitórias que o tornaram tão famoso quanto seus célebres *Diálogos*” (GODOY, 2001, p. 33).

O corpo possui tal relevância na Grécia antiga que os atenienses igualavam a nudez à civilidade⁶, e Sennet afirma que esse corpo exposto era a “maior obra de arte da cidade” (2010, p. 91). Na Idade Média, contudo, essa nudez já não é mais tolerada e o esporte enfrenta certo hiato, em grande parte devido à influência do cristianismo e da Igreja, que possuíam uma visão dicotômica em relação ao corpo: “O esporte desaparece na Idade Média. Se os jogos subsistem, a prática antiga não existe mais: estádios, circos e ginásios desaparecem, vítima da ideologia anticorporal” (LE GOFF; TRUONG, 2012, p. 147).

A revalorização do legado grego começa a ocorrer a partir do século XV durante o Renascimento. Esse processo de resgate culminou com os Jogos Modernos⁷, de memória mais recente, que surgiram em fins do século XIX. O movimento olímpico se reporta assim à Antiguidade, e não à Idade Média:

Todo esse feixe de fatores econômicos e sociais, simbólicos e políticos, contribui para desenvolver, no século XIX, uma ideologia que, saltando no tempo por cima da Idade Média, pretendeu-se ligar à prática e à ideologia da Antiguidade greco-romana e que resultou na criação dos Jogos Olímpicos, em 1896. Aqui, portanto, a Idade Média não é um antepassado (Ibid., p. 152).

Na “nova fase” dos Jogos, no século XIX, destaca-se a figura patriarcal do francês Pierre de Freddy, mais conhecido como Barão de Coubertin⁸, entusiasta do esporte como instrumento pedagógico, das possíveis contribuições da cultura helênica à contemporaneidade e do potencial do esporte como promotor da paz internacional. Coubertin pretendia recriar as tradições gregas como parte das festividades da virada do século. Ele possuía uma visão holística para as Olimpíadas, pretendendo conjugá-la com outras formas de arte em algo como um festival cultural, inclusive “tendo implementado concursos de poesias, de artes plásticas e mesmo de músicas, nas primeiras edições” (MELO, 2006, p. 30). A Carta Olímpica, redigida pelo próprio Coubertin e reiteradamente

⁶ Essa “regra social” não se aplicava às mulheres, que não circulavam nuas pelo espaço público (SENNET, 2010, p. 32).

⁷ Para uma análise sobre a relação entre o esporte moderno e a suposta perda do elemento lúdico, ver Huizinga (1938). Ressaltamos que Huizinga encontra-se em um momento histórico peculiar e muito de seu pessimismo pode ser daí derivado.

⁸ Christopher Lasch nos lembra que a utilização dos esportes com propósitos morais pela alta burguesia inglesa no decorrer do século XIX teria despertado a atenção de Coubertin (1991, p. 112).

modificada desde então, instituía os princípios do Comitê Olímpico Internacional e do Movimento Olímpico em si (RUBIO, 2005). Diferentemente dos Antigos Jogos, a atual olimpíada é um evento laico, que ocorre em cidades diferentes a cada quatro anos e possui edições de Inverno e de Verão. No Congresso Olímpico Internacional de 1913, em Lausanne (Ibid.), Raul do Rio Branco, ministro brasileiro na Suíça, foi elevado a membro do COI, tornando-se o primeiro brasileiro a ter um cargo nessa instituição.

Retornando ao nosso ponto, as primeiras edições dos Jogos Modernos foram marcadas pela pouca organização e pela baixa adesão dos países. As Olimpíadas eram um evento menor no calendário mundial e ainda não contavam com grandes assistências – em 1896, foram apenas 13 países e 280 atletas. Por isso, as edições de 1900 e 1904 foram realizadas concomitantemente com as Exposições Universais. Não havia ainda uma preocupação com alojamentos para atletas. Na edição de 1924, em Paris, eles foram acomodados em barracas nas cercanias das áreas de competição.

A partir de 1932, esse cenário começa a mudar. Los Angeles utilizou-se dos Jogos para superar os efeitos da crise de 1929 e construiu o primeiro complexo habitacional para os atletas – o que conhecemos hoje como vilas olímpicas. No rastro dessa tradição, Berlim, sob a tutela nazista, vai além e instala também “equipamentos específicos para os atletas” (cf. MASCARENHAS, 2011). É nessa edição também que os Jogos adquirem um caráter mais nacionalista, como pontua Hobsbawm (2004, p. 171). Em 1916, devido a 1ª Guerra Mundial, e em 1940 e 1944, devido a 2ª Guerra, não ocorrem edições dos Jogos.

No período da Guerra Fria, aumenta a participação dos países, porém maculam-se os propósitos iniciais de Coubertin – de encontro pacífico entre nações passa-se a uma disputa de contornos bélicos entre as duas potências emergidas da 2ª Grande Guerra (EUA e URSS). Nos Jogos de 1980, em Moscou, os EUA juntamente com 61 outros países boicotaram a competição, em represália a não retirada das tropas soviéticas do Afeganistão (NEGREIROS, 2009, p. 325). O troco foi dado na edição seguinte, em Los Angeles (EUA), quando 16 nações, principalmente do bloco soviético, decidiram não participar dos Jogos.

No decurso de suas edições, as Olimpíadas ganharam a magnitude pretendida pelo projeto inicial de Coubertin. Se na Grécia, em 1896, tínhamos 295 atletas homens (e nenhuma mulher), em Londres, foram cerca de 10.500 atletas⁹; o número de esportes passou de 9 a 26; e os países de 14 a 204.

⁹ Para mais informações sobre o número de atletas (homens e mulheres) participantes de cada Olimpíada até 1988, ver Guttmann (1992, p. 173). O site do COI não possui as informações detalhadas sobre a participação masculina e feminina em 2012.

O Brasil esteve representado em quase todas as edições das Olimpíadas desde 1920 (Antuérpia) até hoje, com exceção de Amsterdã em 1928. Desde 1992, em Albertville (França), o Brasil participa também das Olimpíadas de Inverno. Nosso Comitê Olímpico existe desde 1913 (de forma institucionalizada, porém, apenas em 20 de maio de 1935).

O herói brasileiro

A primeira divisão a ser feita no “mundo dos heróis” é entre os ficcionais e os reais (HELAL; COELHO, 1996, p. 55). Os primeiros se fazem presentes em quadrinhos, no cinema e em séries de TV e representam muitas vezes um tipo de heroísmo inalcançável por seres humanos. Os segundos surgem majoritariamente no campo das artes e dos esportes e, assim como na ficção, em torno deles cria-se um personagem, editado pela mídia.

Entre os heróis “reais”, é possível ser feita uma segunda distinção, como proposta por Helal (2003), entre os artistas e os esportistas. Estes possuiriam maior tendência a virar heróis do que os primeiros, devido a características inerentes ao esporte. Ambos podem vir a ser celebridades, mas heróis são provenientes majoritariamente do mundo esportivo. E Helal pontua a diferença: “Enquanto os primeiros [celebridades] vivem somente para si, os heróis devem agir para ‘redimir a sociedade’” (Ibid., p. 225).

No mundo dos esportes, a conquista do atleta-herói é inexoravelmente compartilhada com a nação ou equipe que ele representa. Aqui, o atleta é consagrado com a medalha de ouro, mas seu feito é reverenciado com a execução do hino nacional – momento em que se dá a consagração coletiva de todos os seus compatriotas.

Dentro da seara dos heróis do esporte, ainda teríamos uma divisão entre heróis universais – herdeiros de uma ética única, anglo-saxônica – e heróis nacionais brasileiros – denominados por Helal (2003) e DaMatta (1997) de “Macunaíma” ou “Malasartes”. O foco primordial desta distinção está na forma como as vitórias e conquistas são alcançadas. Enquanto o herói clássico, universal, obtém seu triunfo por meio do trabalho, com dedicação, treinamento e esforço, o herói nacional, macunaímico, seria supostamente dotado de talento nato e, com isso, alcançaria o êxito por meio de sua “genialidade”, “irreverência” e “malandragem” (HELAL, 2003, p. 227). Essa não é uma narrativa única que permeia o discurso sobre todos os ídolos. Ela é mais comum no futebol e, mesmo nesse esporte, há exceções, vide as narrativas sobre Zico (Ibid.) e Pelé (LEVER, 1983), por

exemplo. Em esportes olímpicos, nossa hipótese é que prevaleça a ética do herói universal, como demonstrado por Helal, Cabo e Marques (2007).¹⁰

Em análise sobre a biografia de Romário, Helal (2003) nos mostra um personagem construído com ênfase em sua genialidade, que representaria a essência de nosso futebol. Percebemos também a permanência de uma ética amadora, típica das primeiras décadas de futebol no Brasil, no tratamento dispensado ao jogador pela imprensa. As indisciplinas e os atos pouco profissionais de Romário eram relevados por seu talento e pelo simbolismo de brasilidade que ele encerrava em si. Garrincha trilha caminho semelhante de indisciplinas compensadas pela habilidade nata (BARTHOLO, SOARES, 2011).

Nos esportes olímpicos, a ênfase em um maior coletivismo (mesmo em esportes individuais, a equipe técnica trabalha em parceria com o atleta) pode ser a chave para entendermos o porquê de vermos outro tipo de construção “heroica”. O jogo coletivo pressupõe um maior apego à disciplina, ao treinamento e ao esforço como meios para atingir as vitórias – uma proposta mais próxima aquela da saga do herói clássico universal. “No Brasil, o treino é visto como algo estoico para aqueles que não possuem ‘dom’. A construção indica a oposição entre dom e treinamento, criatividade e esforço, liberdade e disciplina” (BARTHOLO; SOARES, 2011, p. 59). Dá-se um valor maior a um suposto dom, à genialidade do que ao treinamento.

A ética amadora e o *fair-play*, preceitos olímpicos durante por boa parte do século XX, também poderiam contribuir para essa representação do atleta-herói olímpico. Apenas em 1992, nos Jogos de Barcelona, é que deixou de ser obrigatório o amadorismo dos atletas – inaugurando-se a era do profissionalismo olímpico, ainda tímido nas edições anteriores. Já o *fair play* é um valor presente ainda hoje nas competições e “pode ser definido como um conjunto de princípios éticos que orientam a prática esportiva, principalmente do atleta e dos demais envolvidos com o espetáculo esportivo” (RUBIO, 2002, p. 139). Assim como o amadorismo, em sua origem, ele também está vinculado a ideais ligadas à nobreza e ao “comportamento cavalheiresco”. Com o tempo, esse ideal inicial foi se adaptando aos novos ventos do esporte e designando o “jogo limpo” e o tão falado “espírito esportivo” (Ibid., p. 139). Essa atualização dos valores olímpicos recebe de Rubio a denominação pós-Olimpismo (2002, p. 130).

¹⁰ Reiteramos que existem controvérsias em relação ao próprio modelo de herói “tipicamente brasileiro”. Sobre isso, ver a discussão comparativa entre os modelos de heróis brasileiros e argentinos em Helal e Lovisolo (2009).

Por outro lado, se olharmos novamente para a Grécia Antiga, veremos um culto aos atletas perfeitos, imortalizados em estátuas e sua ascensão ao posto de semideuses na Terra – uma ênfase a *perfeição individual*. Os heróis eram retratados em belas esculturas, situadas usualmente nos locais de competição, que imortalizavam suas imagens e os tornavam referenciais para os demais atletas. Outro ponto é que os Jogos eram concebidos como duelos individuais, e não como uma disputa entre nações, como o são hoje (o que enaltece o espírito patriótico e coletivo). Como salienta Gumbrecht, há também uma “completa ausência do esporte coletivo” nos jogos gregos (2007, p. 72). Nas diversas lendas sobre a origem dos Jogos, com Herácles (Hércules) ou Pélope, temos presente uma conjugação de técnica, esforço, uma dose de astúcia e até mesmo a intervenção divina (GODOY, p. 54-55).

Na Modernidade, porém, há um abandono dessa individualidade na disputa. Segundo Melo, tratando do filme *Olympia*, “os atletas não eram encarados individualmente, mas como componentes de uma nação, o que é, de certa forma, *contraditório com a própria proposta do olimpismo*” (2005, p. 60, grifos nossos). Nota-se aqui como a aposta de que nos esportes olímpicos o jogo coletivo seria peremptoriamente responsável por uma série de qualidades “nobres” e fraternas é de construção moderna, e não antiga, como poderíamos erradamente supor. Percebemos, assim, uma tensão permeando essa narrativa sobre o herói Olímpico¹¹.

Nessa breve reflexão teórica, acreditamos que foi possível perceber como é movediça a temática do heroísmo, tanto em relação ao futebolista quanto ao atleta olímpico brasileiro. No Brasil, tendemos a ser dragados por construções de heróis futebolísticos ora apolíneos ora dionisíacos, com uma suposta predileção pelo caráter malandro que subjaz ao segundo. Nas Olimpíadas, oscila-se, na teoria, entre o individualismo grego antigo e o coletivismo pátrio contemporâneo; entre a glória nacional e o júbilo pessoal; entre culto ao amador e à valorização do profissional.

Os atletas heróis das Olimpíadas de 2012: estudo de caso do jornal *Folha de São Paulo*

Em toda história dos Jogos Modernos, o Brasil conquistou um total de 108 medalhas: 23 de ouro, 30 de prata e 55 de bronze. Nosso desempenho começa de verdade a tornar-se digno de nossa importância geoeconômica em 1996 (Atlanta), com a conquista total de 15 medalhas. Em Los Angeles 1984, foram 8 medalhas, mas deve-se levar em conta

¹¹ No filme *Carruagens de fogo* (1981), por exemplo, essa dualidade entre os dois tipos de herói fica evidente. O filme tem como cenário as Olimpíadas de 1924 em Paris e traz como protagonistas os corredores Eric Liddel e Harold Abrahams. Vemos neles que tanto o amadorismo quanto o profissionalismo podem ser caminhos para a conquista da vitória, ainda que no período histórico retratado no filme o amadorismo soasse mais natural ao espírito da época.

o boicote soviético. Em Londres 2012, obtivemos o maior número de medalhas de nossa história olímpica, porém não ultrapassamos o total de ouros obtido em Atenas 2004 (cinco). A delegação brasileira contou com 259 atletas em 32 modalidades, sendo 136 homens e 123 mulheres, tendo conquistado 17 medalhas¹². Foram 3 medalhas de ouro, 5 de prata e 9 de bronze, o que deixou o Brasil em vigésimo segundo no ranking de medalhas (elaborado pela mídia).

Os pontos em destaque

Nessa etapa do trabalho, fazemos um relato descritivo dos resultados da pesquisa, em termos de categorias encontradas. Justo por isso, o texto pode parecer pouco coeso em determinados momentos.

O fator sorte é preponderante em vários esportes olímpicos. Na vela manifesta-se pelas forças naturais que podem definir colocações, a despeito das habilidades individuais e experiência dos atletas. A terceira colocação de Robert Scheidt e Bruno Prada na classe star foi em parte creditada a uma má escolha de direção. Nas palavras de Scheidt: “Tínhamos a previsão de que o vento ia entrar para o lado esquerdo no começo da regata. Fomos para lá, mas não aconteceu. Largamos mal e ficou difícil recuperar. Infelizmente foi um erro” (06/08, p. D4). No Brasil, talvez por nossas raízes religiosas, a sorte está normalmente associada à fé e às crendices populares. O lado oposto da sorte, o azar, acaba se manifestando por extensão. Na prata brasileira no futebol masculino, destacou-se a “sina” de jamais havermos sido campeões olímpicos e o peso da derrota foi muito maior do que o fato de termos chegado à final, por exemplo. Rodrigo Bueno asseverou que foi uma “prata com gosto de latão” (14/08, p. D3).

A solidariedade e o espírito fraterno são pontos igualmente enfocados. No caso, nos referimos aos irmãos Esquiva e Yamaguchi Falcão, ambos boxeadores e filhos do ex-lutador Touro Moreno. Yamaguchi, irmão mais velho, subiu de categoria a pedido do pai e para não ter de enfrentar o irmão. Ele reconhece o esforço feito, mas sabe que o faz pela família: “Os adversários da minha categoria são fortes. Mas faço pelo meu irmão, meu pai pediu” (28/07, p. D10). A disciplina e o apreço à família fazem parte da formação desses irmãos, como afirma o pai: “Os meninos foram educados assim, para mostrar respeito” (11/08, p. D7).

¹² As medalhas de ouro vieram de: Arthur Zanetti (Ginástica Artística – argolas), Sarah Menezes (Judô – até 48kg), Vôlei feminino. As de prata: Esquiva Falcão (Boxe – até 75 kg), Futebol masculino, Vôlei masculino Thiago Pereira (Natação – 400m medley), Alison/Emanuel (Vôlei de praia). As de bronze: Adriana Araújo (Boxe – até 60kg), Yamaguchi Falcão (Boxe – até 81kg), Felipe Kitadai (Judô – até 60kg), Mayra Aguiar (Judô – até 78kg), Rafael Silva (Judô – mais de 100kg), Cesar Cielo (Natação – 50m livre), Robert Scheidt/Bruno Prada (Vela – classe star), Juliana/Larissa (Vôlei de Praia), Yane Marques (Pentatlo Moderno).

Entretanto, uma matéria do dia 11 de julho (p. D12) revela como até em esportes coletivos vistos como mais solidários, como o vôlei, as vaidades pessoais e o brilho individual estão presentes. Mari, jogadora da Seleção Feminina de Vôlei, é tratada como a vilã de Atenas 2004, porém uma das grandes responsáveis pelo ouro em Pequim 2008. O talento individual é aqui relevante, porém, pela instabilidade de atuações, ela não foi convocada para Londres. Ou seja, ao contrário do futebol, o talento não encobre os demais defeitos da atleta.

Por esse mesmo caminho, matéria de 28 de junho sobre a Ginasta Jade Barbosa prova como o profissionalismo é preponderante em um atleta olímpico. Jade recusou-se a servir ao Brasil nos Jogos Olímpicos por divergências no contrato/valor oferecido. Percebe-se como nos esportes ditos amadores a busca pelo melhor contrato está em sintonia com o que já é visto no futebol. No boxe, isso é mais visível, por ser uma modalidade ainda hoje amadora. Os dois medalhistas brasileiros no boxe masculino, Esquiva e Yamaguchi Falcão, receberam propostas tanto do boxe profissional quanto do MMA e, visando uma maior segurança financeira futura, é provável que as aceitem (10/08, p. D10), apesar dos esforços da Associação Internacional de Boxe Amador (Aiba) (12/08, p. D7).

O tratamento dispensado pela mídia ao selecionado brasileiro de futebol masculino é de certa forma mais brando, ainda que a cobrança pelo ouro seja mais frequente. Os jogadores são denominados por Juca Kfoury de “meninos do Mano” e Neymar é alcunha pelo mesmo colunista de “o menino santista” (08/08, p. D3). Por outro lado, atletas brasileiros de outras modalidades recebem qualitativos mais profissionais e menos infantilizados. Quando perdem, sendo favoritos ou de forma vexatória, são muitas vezes penalizados pelos colunistas. Edgard Alves fala assim da eliminação do basquete feminino: “É lamentável que a seleção brasileira de basquete tenha sido eliminada do torneio olímpico antes mesmo de completar a primeira fase da competição” (05/08, p. D3). Imputa-se grande responsabilidade em uma equipe que não era favorita e que, ademais, estava em um grupo bastante forte, ao invés de valorizar seu esforço, luta e treinamento, mesmo com as dificuldades que todos os esportes olímpicos enfrentam. Em outra matéria, esta sobre Fabiana Murer, atleta do salto com vara, apesar de lembrar que as condições climáticas eram realmente adversas e que, em parte, a culpa pelo fracasso não foi somente da atleta, termina-se o texto em tom irônico: “Até lá [Olimpíadas 2016], resta saber, qual será o novo episódio da novela olímpica Murer” (05/08, p. D2). Indagamos se em outras Olimpíadas, ainda no século XX, quando o investimento público e

privado no esporte não era tão alto, havia semelhante tipo de cobrança. Podemos supor que quanto maior a expectativa e o investimento, maior a cobrança.

O fator treino, como esperávamos, é também uma constante. Diante da iminente eliminação, os discursos das jogadoras de basquete revelam o esforço despendido na preparação: “A gente luta tanto, e o resultado não chega. A gente fica até chateada com tanta crítica, só a gente sabe o tanto que treina para estar aqui” e “A gente é guerreira pra caramba. Queria dar mais orgulho aos meus pais, aos brasileiros” (02/08, p. D9). Percebe-se um foco maior na luta e no treino do que no talento. Por outro lado, está novamente aqui presente a vontade do atleta em compartilhar sua conquista com os seus compatriotas. Até no futebol, de onde não seria esperada uma ênfase no treinamento, esse ponto é reiterado nas matérias. Na final contra o México, Mano Menezes, deixou claro que os adversários haviam se preparado melhor, no sentido de terem tido mais tempo para treinos e entrosamento da equipe¹³ (10/08, p. D13). No atletismo, há uma ênfase tanto no treinamento árduo quanto no trabalho em equipe para fazer as atletas superarem americanas e jamaicanas. Apesar de inferiores às atletas desses países, as brasileiras seriam capazes de alcançá-las treinando forte a redução dos tempos de passagem de bastão (18/07, p. D11).

O mesmo tom de enfoque aos treinos e estratégias táticas foi utilizado para se referir à preparação de Cesar Cielo e Felipe França, então esperanças de medalha na natação para o Brasil nos Jogos. A matéria de 19 de julho diz o seguinte: “O treino foi cansativo e doloroso. Cielo teve que se acostumar a nadar de forma rápida mesmo cansado, o que acontece nos últimos 50m” (19/07, p. D6). Ainda segundo ele: “Descanso para mim é paranoia. No dia da prova, atrás do bloco é hora de pular, bater no corpo e despertar” (29/07, p. D9).

Muitas vezes associado ao treino está a dor, fator realçado na preparação da saltadora Maurren Maggi, ouro em Pequim 2008. A atleta brasileira passava por dificuldades físicas e não estava 100% para os Jogos, por isso, treinava em Madri separada do restante do Time Brasil (20/07, p. D2-D3). Caso conquistasse medalha, o que não aconteceu, esse sofrimento e posterior superação pessoal com certeza viriam a ser invocados. É justamente isso que ocorre na conquista de Maura Aguiar, bronze no judô. A judoca disputou o terceiro lugar logo após uma contusão na luta anterior. Sobre isso, ela nos diz que: “Perguntei pra mim mesma: ‘Ai, meu Deus, e agora?’. Foi aí que amigos como o

¹³ Até de Neymar, de onde poderíamos esperar narrativas apenas focadas no talento, vemos em muitos momentos um enfoque em sua preparação. Matéria de 11 de agosto assim o define: “O trabalhador que treina um pouco mais que os outros é também o moleque que tem a desfaçatez de dar um drible em público no chefe do time” (p. D 3). Há uma mistura entre um discurso amador e outro profissional sobre a Seleção.

[judoca] Leandro Guilherme e o [campeão olímpico] Aurélio Miguel, disseram para aguentar a dor, que valeria a pena pela medalha” (03/08, p. D6). Essa superação aparece de outro modo quando Emanuel, do vôlei de praia, conquista, mesmo com 39 anos de idade, a medalha de prata. Mais do que qualquer outro aspecto é a idade a principal protagonista: “O veterano jogador pode não ter o mesmo status desses outros ídolos do esporte, mas pode se orgulhar de, aos 39 anos, ter obtido mais uma medalha olímpica” (10/08, p. D4).

Outro aspecto pontuado com frequência é a confiança em si, basilar principalmente nos esportes individuais onde o atleta depende, em última instância, apenas dele mesmo. Por exemplo, Fabiana Murer, atleta do salto com vara, afirma em entrevista no dia 20 de julho que: “Fisicamente e mentalmente, aprendi. [...] O atleta tem que pensar só nele. Não pode ficar preocupado com os outros. [...] Na Olimpíada, tem que manter o foco” (p. D3). Essa mesma confiança pode, no entanto, atingir excessos, como na fala do lutador de taekwondo Diogo Silva: “Como volto sem medalha, não sei se conseguirei aguentar o que tive de aguentar para chegar até aqui. O que fiz, chegar e disputar uma semifinal, foi para poucos. *Quem me criticar não sabe nada de esporte*” (10/08, p. D11, grifos meus).

Por último, dentre outros pontos que poderia mencionar, resalto que a raça e a vontade de vencer em diversos momentos se sobrepõem à técnica. Vimos isso quando da vitória da seleção masculina de vôlei sobre a Rússia. A matéria do dia 1 de agosto narra a vitória do selecionado brasileiro: “Para vencer os gigantes russos, o Brasil teve que usar mais do que técnica e disciplina tática. Foi preciso um pouco de raiva e muito raça. Punhos cerrados a cada ponto conquistado. Veias latejando e olhares esbugalhados. E muita, muita pancada no saque dos dois lados” (01/08, p. D9). Nas conquistas individuais, que veremos no próximo subitem, essa gana de vencer também é salientada.

As narrativas sobre os atletas

Procuramos destacar aqui como as histórias de vida de alguns medalhistas são narradas na *Folha* no período investigado. Assim, como no subitem anterior, o texto aqui é feito de forma descritiva, com as vantagens e problemas daí advindos.

Começo com a coluna de Edgard Alves do dia 25 de junho, onde lemos a narrativa sobre a história de vida de Yane Marques, competidora brasileira bronze no pentatlo moderno¹⁴. Sua infância pobre no interior de Pernambuco é enfatizada juntamente com a

¹⁴ Esporte olímpico em que um mesmo atleta deve disputar cinco diferentes modalidades: esgrima, natação, corrida, tiro esportivo e hipismo. Aquele que obtiver a melhor pontuação geral é o vencedor.

persistência para chegar ao topo. A origem humilde parece servir como legitimadora do sucesso. O esporte em si é visto com um misto de técnica e sorte: “Exige, no mínimo, técnicas variadas, concentração, controle emocional, habilidade, precisão, força, velocidade e resistência” (25/06, p. D9). O quesito sorte fica por conta do cavalo na prova de hipismo, que é escolhido aleatoriamente – no caso de Yane, ter recebido um cavalo velho e com deficiência visual pode ter contribuído em seu desempenho, segundo ela própria (13/08, p. D6). Para compensar a solidão da atleta diante da ausência de outros brasileiros disputando as Olimpíadas em sua modalidade (22/07, p. D12-13), seu sucesso poderá trazer benefícios aos novos praticantes da modalidade, como ela mesmo pontua: “Espero que essa vitória seja um divisor de águas no esporte e que desperte a atenção das pessoas” (13/08, p. D6). Caso semelhante ao do medalhista de bronze no judô Rafael Silva: “Frequentemente tenho de viajar para outros países, onde o povo é maior [fisicamente], para treinar com seus pesados. Espero arregimentar alguns [novos praticantes] no Brasil agora [após a conquista do bronze]” (04/08, p. D6).

Arthur Zanetti, medalhista nas argolas, já era visto como favorito desde antes dos Jogos, vide matéria “Ginasta só recebe argola no fim do ciclo” (23/07, p. D6). Ainda que não assuma a pose de favorito, algo, aliás, bem comum entre todos os atletas brasileiros, o ginasta reconhece a importância de uma conquista sua para os novos praticantes do esporte: “Alcançando bons resultados, beneficia-se toda a ginástica. Antes, a ginástica masculina contava só com um atleta. Agora, são três. Em 2016, poderemos ter uma equipe” (23/07, p. D6). Pode-se aqui estabelecer um paralelo com o herói que reparte os louros de seu feito com seus iguais. É esse pensamento que perpassa as falas de Zanetti, bem como as de Yane e Rafael. Posteriormente a conquista, a matéria “abc” traz um pouco da história de formação do atleta, ressaltando a precariedade das instalações do ginásio onde Zanetti treinava em São Caetano do Sul, o suporte fundamental da avó e o pouco apoio dos órgãos públicos. Sua avó, aliás, funciona quase como uma mentora, a ajuda tão necessária ao herói para empreender sua jornada. É ela também a sublinhar a importância da fé: “Aos 10 anos, dei para ele uma medalhinha de Nossa Senhora Aparecida para dar sorte. Palavra de avó. Ele a carrega até hoje.” (07/08, p. D4). O misticismo, elemento tão presente na cultura brasileira, é marcante na fala de atleta e parentes.

O dia 28 de julho foi frutífero para o Brasil. Foram três medalhas: ouro no judô feminino e bronze no masculino e prata na natação masculina. Sarah Menezes sagrou-se a primeira judoca medalhista de ouro olímpica. A matéria do dia seguinte ao triunfo enfoca

sua simplicidade, bem como certo amadorismo na preparação da atleta. Em suas palavras: “Sempre encarei o judô como brincadeira, fazia vôlei, tudo o que era esporte. O judô eu ia treinar de terça e quinta, quando era dia de as crianças menores do que eu irem” (29/07, p. D2). Não obstante, ressalta-se o papel dos psicólogos para a conquista da medalha. Talento e preparação mental andam juntos. Sua vitória serve de modelo para outras mulheres e para seus conterrâneos piauienses, como exposto nas palavras do governador do Estado: “Vamos recebê-la no aeroporto, com direito a desfile no carro dos Bombeiros e recepção no Palácio de Governo. Ela é uma referência, inclusive porque escolheu continuar treinando no seu Estado de origem” (29/07, p. D2).

A narrativa em torno de Felipe Kitadai, bronze no judô masculino, evidencia a emoção do atleta, que não acreditava na conquista e creditava o feito às pessoas próximas e à sua força de vontade: “Nessas duas últimas lutas, ganhei pela vontade. A diferença foi a força de vontade, a confiança que muitos depositaram em mim” (29/07, p. D4). O local de treinamento também é um ponto enfatizado em quase todas as descrições dos atletas e não é diferente com Kitadai.

Sobre Thiago Pereira, exalta-se o fato de ter finalmente conquistado uma medalha, após falhar em duas tentativas olímpicas anteriores. A dor e a persistência nos treinamentos são as qualidades destacadas juntamente com seu talento: “Os treinos eram exaustivos, Thiago tinha de terminar a prova com eficiência, apesar de tanto cansaço e dor” (p. D8). É o exemplo do herói que após sucessivos fracassos, recupera-se e, com muito sacrifício, dá a volta por cima e chega ao topo.

No boxe, tivemos três medalhistas após 44 anos sem subir ao pódio nesse esporte. Esquiva Falcão conquistou a prata, Yamaguchi Falcão e Adriana Araújo, o bronze. O discurso sobre os três traz alguns aspectos interessantes. Em Esquiva, vemos o “jeitinho brasileiro” manifestado já em seu nome. Como nos relata matéria de 07 de agosto (p. D6), seu pai, o também boxeador Touro Moreno, deu esse nome ao filho como uma estratégia para os treinadores poderem gritar a técnica de defesa denominada “esquivar” sem serem punidos pelos árbitros. Yamaguchi foi considerado azarão ao ganhar do favorito cubano e creditou a alguma força superior o triunfo: “Quando Deus não quer que a folha da árvore caia, ele não deixa. Hoje não era o dia do Falcão” (09/08, p. D2). Já em relação a Adriana, diz-se que chegou ao boxe “por acaso” 07/08, p. D6). Seu objetivo principal seria o futebol e o boxe surgiu em sua vida pelo destino e pelo condicionamento físico da atleta. Ela

também conta, assim como os irmãos Falcão, com a ajuda divina e transcendental, vide as tatuagens com os nomes de Jesus Cristo e de Edir (sua mãe) (08/08, p. D5).

Jaqueline, ouro com a seleção feminina de vôlei, e elevada ao posto de herói da conquista conjuga em seu discurso três pontos recorrentes em outras falas de atletas vencedores: superação, liderança e fé. Vejamos: “Em nenhum momento eu deixei [o time] desistir. Sou a mulher da superação. No último ataque, levantei a mão para o céu e agradei porque eu sabia de tudo o que eu tinha passado. E hoje eu estou aqui dando a volta por cima” (12/08, p. D2). E mais a frente na mesma matéria: “Eu sabia que ia ser abençoada e hoje [ontem] foi esse dia”. Se a trajetória individual do herói pudesse ser transplantada para um ente coletivo, a seleção feminina de vôlei se enquadraria no panteão dos heróis olímpicos brasileiros, pois “experimentou uma trajetória cheia de percalços, suor, drama e, sobretudo, superação nos Jogos de Londres” (12/08, p. D2).

Considerações finais: apontamentos sobre a pesquisa

Ao final dessa pesquisa empírica, alguns pontos gerais podem ser enumerados:

1) O treinamento é reiteradamente lembrado, seja em frases dos jornalistas seja na seleção das frases proferidas pelos atletas.

2) Superação também é palavra de ordem repetida na narrativa jornalística sobre os olímpicos brasileiros. Os atletas superam a dor, as adversidades e os adversários em busca da medalha olímpica.

3) A consciência da importância de seu exemplo para futuras gerações de atletas é algo marcante no discurso dos medalhistas. Isso os aproxima do herói que completa sua missão e volta a sua terra natal para distribuir sua boa fortuna com seus semelhantes.

4) Ainda que um pouco menos mencionados, o acaso e a sorte estão presentes também, tanto nas conquistas quanto nos fracassos.

5) Dado o baixo número de medalhistas nacionais em todas as modalidades (são apenas 108 em toda história), a retórica jornalística parece construir um discurso que imortaliza todos os nossos atletas que subiram ao pódio, ressaltando os pontos especiais e fascinantes de cada conquista, mesmo aquelas que nos parecem mais triviais (à exceção de onde eram realmente esperados desempenhos superiores, como no futebol masculino).

6) Apesar de alcunhados com frequência de heróis, não vi, como ocorre no futebol, uma construção narrativa pautada em transpor a saga do herói para a história de vida de algum atleta em especial. Destacam-se, sim, características ligadas às virtudes do herói, que

são, de todo modo, qualidades apreciadas pelo homem em geral. Por outro lado, se nos ativéssemos a analisar a narrativa em torno de Neymar nessa Olimpíada veríamos claramente a construção de um personagem heroico e de toda uma “mitologia” em torno dele. Foram muitas as matérias, notas e colunas que tiveram o futebolista brasileiro como protagonista.

7) Por todos os dados levantados, aqui acreditamos que a hipótese de Helal, Marques e Cabo (2008) foi ratificada e, por enquanto, mantém-se válida.

Referências

- BARTHOLO, T.; SOARES, Antonio J. Mané Garrincha como síntese da identidade do futebol brasileiro. In: HELAL, R.; LOVISOLO, H.; SOARES, Antonio J. (Orgs.). **Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011, p. 53-76.
- CARRUAGENS DE FOGO [Chariots of Fire]. [USA, UK]. Allied Stars Ltd. e Enigma Productions: 1981. Filme. Drama Histórico. 124 min., Color.
- COELHO, Maria C.; HELAL, R. A indústria cultural e a biografia de estrelas – as histórias de Babe Ruth e Tina Turner. **Cadernos pedagógicos e culturais**, Niterói, v. 5, p. 55-62, jan./dez. 1996.
- DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- GODOY, L. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.
- GUMBRECHT, Hans U. **Elogio da Beleza Atlética**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- GUTTMANN, A. **The Olympics. A History of the Modern Games**. Urbana - Chicago: University of Illinois Press, 1992.
- HELAL, R. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. **Revista Alceu**, v.4. n.7, p. 19-36, jul./dez. 2003.
- _____.; SOARES, Antônio J.; LOVISOLO, H. **A Invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- _____.; MARQUES, Ronaldo G.; CABO, A. Idolatria nos Jogos Pan-Americanos de 2007: uma análise do jornalismo esportivo. **Revista Contemporânea**, v. 13, p. 33-43, 2009.
- _____.; LOVISOLO, H. Pelé e Maradona: núcleos da retórica jornalística. **Revista Brasileira de Futebol - The Brazilian Journal of Soccer Science**, v. 2, p. 20-26, 2009.
- HOBBSAWM, E. Introdução: A Invenção das Tradições. In: HOBBSAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- _____. **Nações e nacionalismo desde 1780**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectivas, 2010.
- LE GOFF, J.; TRUONG, N. **Uma história do Corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- MASCARENHAS, G. O olimpismo e a cidade. In: MASCARENHAS, G. *et al* (Orgs.). **O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.
- MELO, Victor A. **Cinema & Esporte: Diálogos**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.
- _____. Jogos Olímpicos e arte. In: MELO, Victor A.; PERES, Fabio de F. **O esporte vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2005.
- NEGREIROS, P. O Brasil no cenário internacional: Jogos Olímpicos e Copa do Mundo. In: PRIORE, Mary del; MELO, Victor A. **História do Esporte no Brasil**. Do império aos dias atuais. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- RUBIO, K. Do Olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. **Revista paul. Educação Física**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 130-143, jul./dez. 2002.
- _____. Da Europa para América: a trajetória do movimento olímpico brasileiro. **Revista Scripta Novas**, Barcelona, v. 9, n. 200, nov. 2005.
- SENNET, R. **Carne e pedra**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- YALOURIS, N (org.). **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga – Olímpia Antiga e os Jogos Olímpicos**. São Paulo, Odisseus, 2004.